

DANÇAR NA ESCOLA EM TEMPO PANDÊMICO: O QUE DIZEM E SENTEM OS ADOLESCENTES

Roberta Prado Guimarães¹

robipg@hotmail.com

Carla Carvalho²

carlacarvalho@furb.br

RESUMO

Esta pesquisa tem como tema um processo de criação em dança na escola. O objetivo geral é compreender um processo de criação em dança na escola em tempo de pandemia. É uma pesquisa de abordagem qualitativa, numa perspectiva A/r/tográfica. Por se tratar de um processo artístico de criação na escola, insere-se em uma Pesquisa Educacional Baseada em Arte (PEBA). A proposição da pesquisa é desenvolver uma proposta criativa a partir dos conteúdos específicos da dança na relação com dimensões da educação numa perspectiva crítica diante do tempo em que vivemos. Para geração de dados foram realizados: a) questionário no *Google Forms* para identificar o perfil dos estudantes envolvidos na pesquisa; b) diário de bordo: para analisar registros dos estudantes e da professora sobre o processo criativo; c) vídeos e fotografias: gerados no processo para identificar aspectos relevantes no processo de criar em dança. Os resultados indicam questões percebidas pelos adolescentes em processo de criação em dança no tempo pandêmico bem como a compreensão dos conteúdos na área da dança.

Palavras-chave: Dança. Escola. Pandemia. Processo de Criação.

ABSTRACT

This research study has a process of creation in dance in school as its theme. The general objective is to comprehend a process of creation in dance in a school in pandemic times. This is a qualitative study that follows the A/R/Tographic perspective. Because it regards an artistic process of creation in a school, this study can be classified as an Art Based Educational Research. This study proposes the development of a creative proposal taking into account specific dance contents also considering the dimensions of education in a critical perspective in the light of the current pandemic times. the data was generated through: a) a Google Forms questionnaire that aimed at identifying the profile of the students that participated on this study; b) a field diary was kept in order to analyze students' and the professor's entries regarding the creative process; c) the process of creation in dance was also registered through videos and photographs in order to identify its relevant aspects. The results show students' perceptions during the creative process in dance in pandemic times and their comprehension of the contents related to dance.

Keywords: Dance. School. Pandemic. Creative Process.

¹ Licenciada em Normal Superior, pela Faculdade Avantis; graduanda na Licenciatura em Dança (FURB), professora no Colégio Recriarte, SESC Balneário Camboriú e Studio de Dança Adriana Alcântara; diretora/criadora do Grupo Vida, atuante em Balneário Camboriú.

² Dra. Educação pela UFPR - Universidade Federal do Paraná. Professora do Departamento de Artes e do Programa de Pós-graduação em Educação FURB. Líder do GP Arte e Estética na Educação FURB.

PRIMEIROS PASSOS

O processo criativo em dança na escola é um tema que gera questionamentos constantes. Pretendemos,³ com esta pesquisa, experimentar o processo de criação em dança na escola, buscando uma aproximação com a postura de uma artista/docente, que procura compreender modos de criar em Dança e suas relações.

Isabel Marques (2014, p. 235), artista/docente e pesquisadora em dança, em seu artigo *O artista/docente: ou o que a arte pode aprender com a educação*, ressalta que: “[...] o artista/docente constitui-se no hibridismo, assim como a dança e a educação. O artista/docente é aquele que, numa mesma proposta, dança e educa: educa dançando e dança educando, consciente das duas ações fundidas que exerce.” A mesma autora discute o papel do professor de dança no contexto da educação básica e nos provoca a pensar sobre esse lugar e o tempo em que vivemos. A autora sugere:

[...] que exista uma ponte de via dupla entre a instituição escolar e o mundo da arte [que tenha] como interlocutor o próprio professor. Dançando, ele faz, aprecia, contextualiza a arte e o ensino com seus alunos. O papel do professor de dança não seria, portanto, somente o de um intermediário entre estes mundos – a dança, a escola, a sociedade – ele seria também uma das fontes vivas para experimentarmos de maneira direta esta relação (MARQUES, 1999, p. 60).

Com este estudo, pretendemos explorar meios para criar valorizando as singularidades, visando o desenvolvimento de sujeitos críticos e conscientes, que, por meio de suas relações na/com a dança, manifestem uma conexão consigo, com o outro e com o mundo.

Assim, olhamos para a Dança e para o nosso tempo pandêmico e nos questionamos: Como esse corpo dançante se relaciona? Que relações cria? Como reflete o que está vivendo? Que história esse corpo conta? São alguns questionamentos que impulsionaram esta pesquisa. Queremos refletir sobre os diversos corpos que temos em nossas aulas, nas escolas, na sociedade e instigar a percepção dos corpos e suas diversidades e possibilidades.

Marques (1998), em seu artigo *Corpo, Dança e Educação Contemporânea*, aborda três conceitos: a) corpo instrumento, b) corpo natural e c) corpo socialmente construído.

Ao discorrer sobre o corpo instrumento, Marques (1998, p.72) reflete:

³ Utilizamos neste texto a primeira pessoa do plural, pois é uma pesquisa que relata e analisa uma experiência vivida num processo de criação coletiva no qual a primeira autora atuou como professora, artista e pesquisadora e, a segunda autora acompanhou o processo na orientação e no percurso do que foi realizado.

Esta visão alinha-se à concepção de corpo como instrumento da dança, como meio, "máquina" para a produção artística. O corpo nesta concepção é algo a ser controlado, dominado e aperfeiçoado segundo padrões técnicos que exigem do dançarino uma adaptação e submissão corporal, emocional e mental àquilo que está sendo requerido dele externamente. É o dançarino sendo visto como "material humano".

Ao abordar o Corpo Natural, a autora fala da experiência com aulas que a fizeram descobrir "outro tipo de prazer ao dançar", um prazer ligado ao "contato com meu corpo físico tal qual ele era e estava" (MARQUES, 1998, p. 73).

Marques (1998, p. 73) ainda indica que:

Existe, nesta linha de pensamento, uma relação quase que a priori entre o corpo, a dança e a criança, também considerada espontânea, pura e livre em sua "essência" [...] o processo educativo não poderia "destruir" a nossa "criança interior". O processo, assim, torna-se bem mais importante que o produto.

Procuramos aproximação a algum tempo com esta visão de corpo, valorizando o processo, buscando autoconhecimento, movimentos próprios, o que pode ser um meio para dar menos ênfase à técnicas específicas. Apesar do fato de que, para uma dança com enfoque educacional falte ir além, é importante se perceber, mas também é importante perceber o outro e o meio.

Sobre o Corpo Socialmente Construído, Marques (1998, p. 73) acena que:

Vejo esta proposta muito próxima da dos dançarinos norte-americanos da década de 60 que desafiaram a noção do "corpo natural" em prol de um corpo que pensasse. [...] O tratamento diferenciado do corpo encontrado em muitos dos trabalhos das gerações de 60/70 nos Estados Unidos é sinal da existência de uma geração que buscava na diversidade o direito de exercer autoridade sobre si mesma, refutando padrões convencionais impostos de corpo e, simultaneamente, de arte e de sociedade.

Acreditamos que esta abordagem seja interessante para uma dança ligada à educação, por respeitar os corpos e opiniões e por trazer a discussão da diversidade. Aproximamo-nos desse ponto de vista propondo aulas que deem liberdade ao aluno de ser e estar no mundo com autonomia.

Quando iniciamos o percurso desta pesquisa, vimo-nos diante de um tempo singular. Um tempo no qual, desde março de 2020, vivemos o distanciamento social. Percebemos, nesse sentido, que a dança, assim como outras formas de relações e manifestações com o mundo, tornou-se diferente.

A arte e a dança estão em suas relações conosco, mas também com o outro e com o meio, nesse sentido o afastamento dos corpos traz novas relações, esfriadas pelas telas dos computadores, além fazer surgir uma outra dança, cheia de peculiaridades e desafios.

Surgem, neste momento, questões como: Que corpo é esse que vive a pandemia? Que relações cria? Em que contexto se encontra? Como lidar com a virtualidade do corpo?, Tais questões são alguns questionamentos acerca desse Corpo Pandêmico.

Ao refletirmos que, por meio do ensino da arte, podemos investigar a percepção dos corpos [pandêmicos] na relação com a subjetividade, podemos compreender que os corpos estão na relação com os contextos sociais e culturais que podem interferir nas experiências estéticas, quando em distanciamento social. Por tal motivo, arriscamo-nos a chamar esses de corpos[pandêmicos], pois, mesmo não sendo infectados pela COVID-19, todos nós, de alguma maneira, somos afetados pela pandemia (CARVALHO *et al.*, 2020).

O processo de criação proposto nesta pesquisa foi transpassado por esta situação em que vivemos hoje, uma crise mundial sanitária que nos obriga a manter afastamento social e nos faz repensar, ressignificar e refazer a nossa dança de acordo às circunstâncias.

Diante desse vivido, a pesquisa teve como objetivo: Compreender um processo de criação em dança na escola em tempo de pandemia. Aqui abordaremos um dos objetivos específicos da pesquisa: Discutir como adolescentes percebem as relações com o corpo, a educação e a sociedade num processo de criação em dança em tempo de pandemia

Partimos do conceito de experiência para entender o que vivemos e como vivemos. A experiência em tempo pandêmico carrega o que nos acontece nesse tempo e como percebemos esse tempo e como nos percebemos enquanto vivemos. Sobre a experiência Larossa esclarece-nos que é o “[...] que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca” (LAROSSA BONDÍA, 2002, p. 21). O que eu vivemos nos trouxe e nos constituiu até aqui, viemos com o que a passou, o que nos aconteceu, o que nos tocou.

Criar é estabelecer relações, e as relações estão na dança de diversas maneiras. A relação consigo, com o outro, com o meio e a busca de relações do processo de criação em Dança com tudo isso é algo que nos interessa compreender com esta proposição de pesquisa.

Há distintas formas de ver e fazer Dança, o ato de coreografar envolve os sujeitos em determinado tempo e espaço, em determinadas condições, cria uma situação única em cada momento de criação.

Essa situação depende de como cada um cria e aí está a diferença da significação daquilo para cada sujeito, o coreógrafo tem a sua frente infinitas possibilidades até chegar ao recorte da obra, e pode fazê-lo tanto instintivamente, sem planejar o processo, como estudar cada ação.

Para ter uma postura em que o estudante possa criar, possa se manifestar nas aulas é preciso perceber o todo e as partes que envolvem a Dança, “[...] conhecer a dança como um todo, história,

sensação, preparo corporal, tem toda uma questão estética e social nessa dança, vai além de um copiar de passos [...]” (MARQUES, 2019, s/p).

A escola, por ser um lugar pensado para a formação, é um ambiente fértil para proporcionar às crianças um encontro consigo mesmas por meio da dança. Precisamos atentar para uma dança que facilite esse acesso a si mesmo, segundo Strazaccappa (2012), a dança possibilita o contato consigo mesmo e o faz estar mais inteiro com o outro, como consequência dessa relação.

A importância de refletir sobre quais as possibilidades de relação de quem faz a obra, com o ambiente, com outro que recebe a obra, é perceber que estamos sempre comunicando algo. “A Dança é uma linguagem, com a dança podemos comunicar” (STRAZZACAPPA, 2012, s/p), comunicar quem somos, como vivemos, o que pensamos, sentimos, nesse tempo/espço.

Que histórias contaram esses corpos que se relacionaram com esse processo nesse momento, nesse meio pandêmico, nessas condições?

PERCURSOS METODOLÓGICOS

Esta é uma pesquisa de abordagem qualitativa, numa perspectiva A/r/tográfica. Buscamos em Dias (2013, p. 25) a compreensão do que é uma pesquisa artográfica e ao que me disponho neste percurso: “A/R/T é uma metáfora para: Artist (artista), Researcher (pesquisador), Teacher (professor) e graph (grafia: escrita/representação)”.

"Na a/r/tografia, saber, fazer e realidade se fundem. Elas se fundem e se dispersam criando uma linguagem mestiça, híbrida” (DIAS, 2013, p. 25). Compreendemos assim a/r/tografia como um método de pesquisa que possibilita trazer a arte para dentro da pesquisa, assim, como tenho aqui a possibilidade de tensionar e relacionar minhas identidades de corpo dançante, de professora e pesquisadora.

Por se tratar de um processo de arte a ser compreendido, insere-se em uma Pesquisa Educacional Baseada em Arte (PEBA).

Segundo Carvalho (2017, p. 224):

A PEBA configura-se como perspectiva metodológica que utiliza processos e produtos artísticos, estéticos por natureza, para investigar, problematizar e compreender questões educacionais. Essa perspectiva tem se desenvolvido principalmente por meio da A/r/tografia, um dos métodos da PEBA já sistematizados, que incorpora especificamente os procedimentos e as atividades artísticas – fazer artístico – no processo de investigação.

A mesma autora Carvalho, (2017, p. 227), relata ainda que:

Ao questionarem formas hegemônicas de pesquisar, as formas de PBA, assim como a PEBA, estão mais preocupadas em problematizações do que com respostas fechadas, visto que os questionamentos, nesse tipo de pesquisa, pretendem estimular a imaginação, a invenção [...].

A proposição da pesquisa foi desenvolver uma proposta criativa a partir dos conteúdos específicos da dança na relação com dimensões da educação numa perspectiva crítica diante do tempo em que vivemos.

Para geração de dados:

a) foi aplicado um questionário, no *Google Forms*, para identificar o perfil dos estudantes envolvidos na pesquisa;

b) foram redigidos diários de bordo, para analisar registros dos estudantes e da professora sobre o processo criativo;

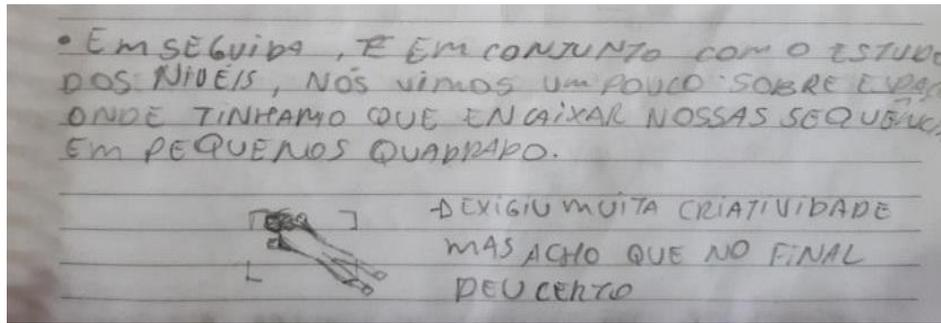
c) vídeos e fotografias foram gerados no processo para identificar aspectos relevantes no processo de criar em dança.

Aqui, apresentamos os dados advindos dos diários de bordo dos estudantes. Optamos por deixar os recortes dos diários, pois por meio deles, podemos observar a letra, as ênfases, os desenhos. Fizeram parte desta pesquisa 8 estudantes e 1 professora. Os participantes frequentam aulas de Dança de modo extracurricular. São alunos do Ensino Fundamental II e do Ensino Médio. Os dados desta pesquisa foram gerados durante todo o Processo de Criação em Dança. Os passos escolhidos no percurso, bem como alguns elementos pré-determinados foram analisados numa perspectiva descritiva analítica. Foram encaminhadas autorizações com o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para o colégio em que estão inseridos os alunos e a professora, assim como para os pais dos menores envolvidos na pesquisa.

COMO OS CORPOS DOS ESTUDANTES SE PERCEBERAM CRIANDO EM PANDEMIA?

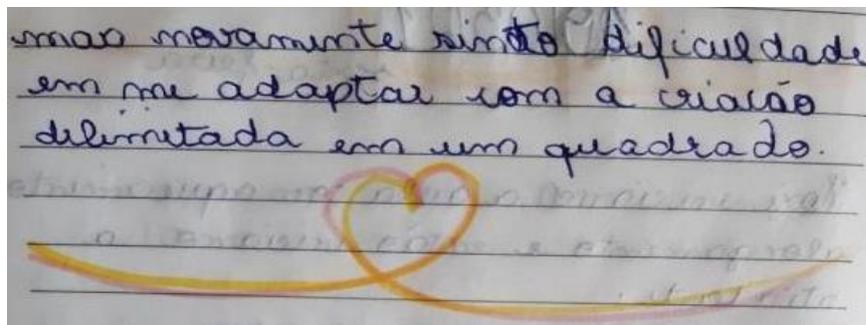
Percebemos, logo de início, que seria um desafio não poder nos abraçar, beijar, interagir como antes. A própria conversa entre nós estava dificultada pelo uso da máscara e os lugares demarcados onde poderíamos nos colocar. Sabíamos que seria um desafio coletivo, mas topamos juntos passar por esse tempo e criar, no intuito de nos criar e cocriar nosso tempo. As aulas foram organizadas de acordo com as regras sanitárias, assim, no retorno presencial das aulas, cada estudante realizou as aulas dentro de um quadrado demarcado no chão. Um desafio grande para todos foi o fato de não podermos sair dessa demarcação feita no chão para que seja mantido o distanciamento social, necessário para que as aulas presenciais acontecessem sem risco de contaminação pela COVID-19.

Figura 01 - Escrita do participante 7 (P7)



Fonte: Diário do participante 7

Figura 02 - Escrita do participante 1 (P1)



Fonte: Diário Participante 1

Tanto para a professora quanto para os estudantes esse era um novo tempo. No registro dos diários de P7 e P1 podemos perceber os momentos de adaptação ao espaço demarcado onde deveriam se colocar. Esta pesquisa se iniciou num tempo de crise mundial sanitária, distanciamento dos corpos, muitas regras novas e pouco desejáveis, mas estávamos ali. Seu registro e desenho demonstram o desafio e ao mesmo tempo o que percebe do vivido. Aparecem desconfortos em se manter no espaço demarcado no chão, condição do distanciamento social para nos mantermos em aula presencial. A dança como algo libertador agora está limitada, causando sensações inesperadas para este ambiente.

"A fragilidade do humano. A rigidez aparente das soluções sociais cria nas classes que tiram mais proveito delas um estranho sentimento de segurança." (SANTOS, 2020, p. 06). O autor nos faz pensar sobre essa a nossa real fragilidade e que nesse momento os estudantes tiveram tão presentes em seus cotidianos.

Constantemente era preciso lembrar ao grupo que precisávamos nos manter dentro do espaço demarcado, o corpo quer movimento, quer deslocamento, acostumado com a liberdade de estar ali, naquele lugar tido como sagrado da dança onde todo movimento é bem-vindo, quisto, desfrutado, instigado, necessário e agora estava contido.

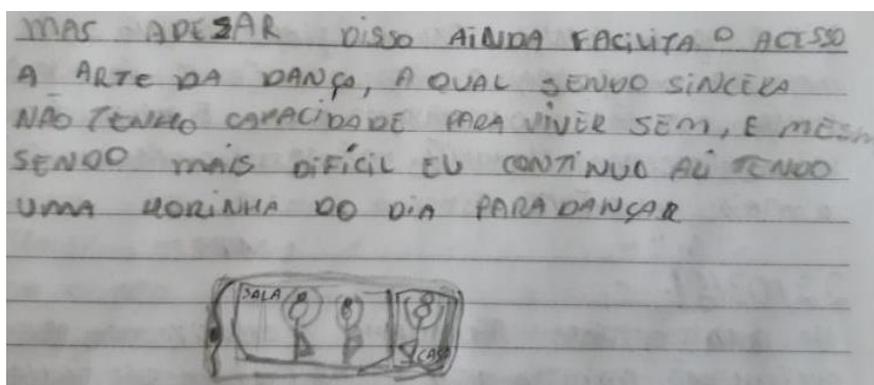
P3 escreve: *"Hoje não pude comparecer a aula presencial, porém fiz a aula online. Para mim foi diferente, ruim por um lado, por outro voltou a tona tudo o que vivemos e passamos na quarentena de 2020, lembrei de como a dança exige um espaço que na maioria das casas não tem, inclusive na minha. Mas também foi uma experiência diferente, porque já estava me acostumando com as aulas presenciais"*.

Dançar exige espaço. O espaço é o corpo que se expande, que se dilata em movimento. Assim, pudemos, por vezes, perceber o desafio colocado ao grupo. Neste registro de P3 podemos notar a dificuldade do aluno que esteve de maneira remota na aula, em casa, além de estar só, o espaço não é o ideal para as propostas que fazemos para a sala de aula. Mas notamos também que mesmo nesta situação é possível tornar significativo o encontro. Eles vivem esse tempo e corpo[pandêmico] e, por vezes, "se encontra nas casas - vivem e habitam as casas corpos vivos, pulsantes em suas multiplicidades. Como em casulos, os corpos[pandêmicos] [re]existem em distanciamento social" (CARVALHO; GOTTARD;, SOUZA, 2020, p. 05).

Por vezes as aulas eram vividas entre o presencial e o virtual, o que gerou tensão, mas demonstrou que os estudantes continuavam na relação com o processo de criação, ou o processo de estudo do corpo e com o corpo. Outro aspecto presente nesse percurso foi ora estar em aula presencial, ora remota. P7 relata *"infelizmente não pude continuar as aulas presenciais porque meu pai testou positivo para covid 19. Por isso estou fazendo aulas online. O que é bem complicado. Além da saudade o espaço em casa é mínimo. A plataforma é boa, mas às vezes a internet e o volume não ajudam"*.

Nesse registro também percebemos o descontentamento em voltar ao meio virtual, o relato é de saudade, falta de estrutura física para as aulas e problemas com a tecnologia envolvida.

Figura 03 - Escrita do participante 7



Fonte: Diário Participante 7

Apesar das limitações, o participante relata que, mesmo assim, o meio virtual é um facilitador para o acesso à dança neste momento, que, segundo ele, não pode viver sem. Neste encontro, no

momento de reorganizar o que exploramos para uma criação em duplas, tivemos de nos manter sempre no espaço delimitado e respeitar o distanciamento, fizemos o possível para interagir do jeito que nos foi possível e nos entender chegando a um consenso na criação a dois.

O participante 7, citado acima, continuou de maneira remota, visto que o pai testou positivo para a COVID-19, e os demais retornaram ao presencial. A tensão era grande visto que qualquer um poderia trazer o vírus e disseminá-lo entre nós.

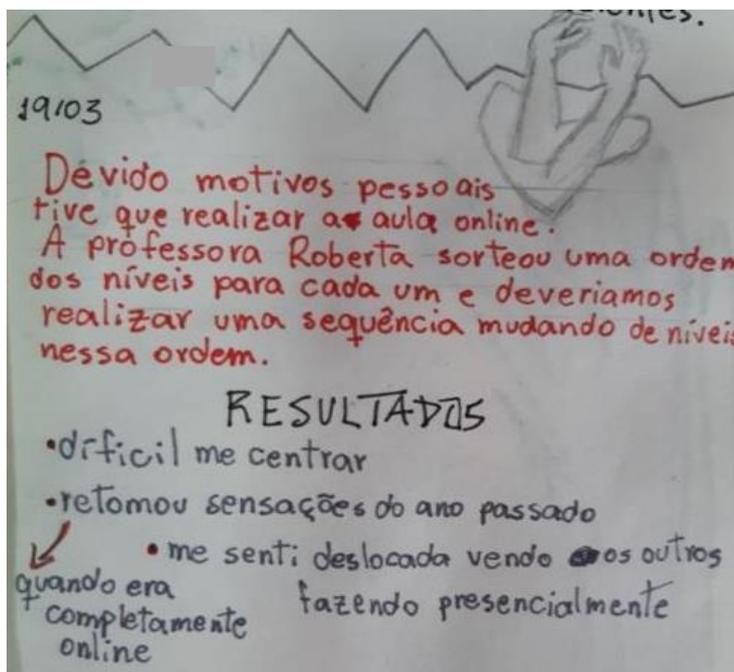
Santos (2020, p. 07) nos faz pensar sobre a tragédia:

A etimologia do termo pandemia diz isso mesmo: todo o povo. A tragédia é que neste caso a melhor maneira de sermos solidários uns com os outros é isolarmo-nos uns dos outros e nem sequer nos tocarmos. É uma estranha comunhão de destinos. Não serão possíveis outras?

Um aspecto que se percebe no processo é estar junto, mas dançar separado. Observamos aqui a dificuldade em se trabalhar em duplas e não poder interagir como de costume, não poder tocar o outro. Este participante ressalta que gosta muito do contato e se sente fora da zona de conforto por ter que permanecer no quadrado. P1 registra: *"Para mim a maior dificuldade de hoje é se manter no quadrado e não poder tocar no colega. Particularmente eu gosto muito do contato e se sentir presa num quadro me tira muito da zona de conforto"*.

Num dos encontros trabalhamos as passagens de um plano espacial para outro, a dificuldade em se manter preso esteve muito presente. A tensão entre virtual e presencial está muito presente.

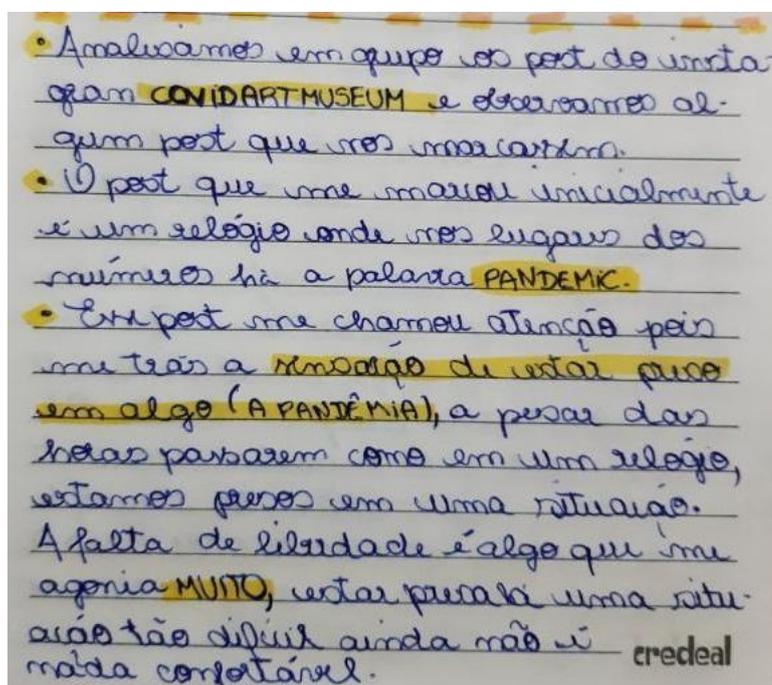
Figura 04 - Escrita do participante 5



Fonte: Diário Participante 5

Aqui se percebe o desconforto de quem precisa retornar ao formato virtual, e como os sentimentos e sensações do início da pandemia voltam nestes momentos, agravados pelo fato de se sentir deslocado por alguns estarem de maneira presencial. Os sentimentos e sensações causadas pela pandemia estão presentes o tempo inteiro. Por mais que buscássemos amenizar tais situações, elas retornavam e se materializaram nos movimentos dos estudantes. Assim, tivemos que trabalhar tal tema de maneira intencional. Buscamos olhar para o *Covid Art Museum*. Um Museu Virtual com obras sobre a COVID-19. Nele, existem obras de artistas do mundo inteiro, pois é uma forma de diálogo com outros que vivem o que estamos passando.

Figura 05 - Escrita do participante 1



Fonte: Diário Participante 1

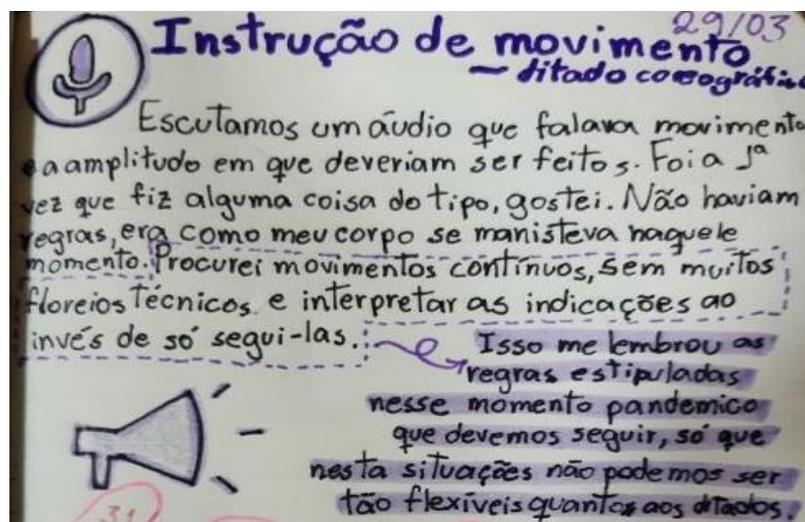
Vemos aqui a relação feita entre a obra observada e os sentimentos/sensações oriundos do tempo pandêmico vivido, como falta de liberdade, agonia, sensação de estar preso. Essa ação começou a reverberar nas atividades de nosso cotidiano e também nas escritas dos estudantes.

Há registros sobre o encontro em que trabalhamos um ditado coreográfico. Um momento muito rico para o coletivo, pois cada estudante explorou os movimentos ditados dentro de seus quadrados. P7 observa que, no início, se achou confuso, mas que, com o fazer, o corpo reagiu "como se o corpo fizesse o que queria mesmo dentro das limitações". Essa experiência fez o participante remeter-se a momentos

de liberdade durante a pandemia. Também posso perceber que, para P7, o fato de estar se movendo por meio do áudio o fez relacionar com as recomendações da mãe em relação aos cuidados com o vírus da COVID-19. Em toda e qualquer atividade, a COVID-19 apareceu. Estamos envolvidos e vivemos um tempo pandêmico.

Há nos relatos um descontentamento por ter que acompanhar as aulas de maneira virtual nesse encontro: *"parece que você perde a vontade de ir às aulas, é extremamente difícil"* (P6), demonstrando desmotivação e desânimo por parte deste participante, que nas aulas presenciais mostra sempre muito interesse e disposição.

Figura 6 - Escrita do participante 5



Fonte: Diário Participante 5

Aqui, também houve relação com a pandemia e as regras estipuladas que devemos seguir, havendo nesse caso menos flexibilidade do que na movência do ditado, segundo o participante.

A seguir a reflexão sobre o uso do espaço na pandemia pela percepção de P1. *"Levando em consideração SC e Camboriú minha utilização do espaço foi pequena, pois a maioria do tempo estive na minha casa. Utilizei o espaço muito pequeno também, pois o local onde mais fico é nesse meu quarto"*. A estudante P1 faz a relação do que estamos estudando com a rotina durante a pandemia, refletindo sobre a ocupação do espaço da cidade e a necessidade de pouco deslocamento para conter o vírus.

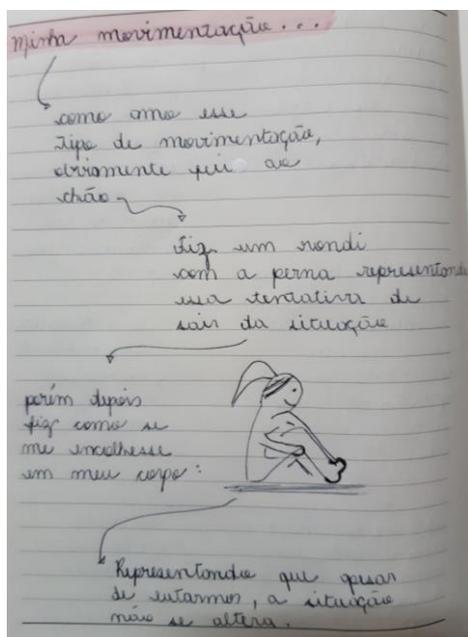
Houve um dia em que, eu, professora, me ausentei, pois havia suspeita de ter contraído o coronavírus, nesse dia, foram registrados muitos relatos. Registros de preocupação, reflexão sobre como somos frágeis e a maravilha de poder interagir, tocar-se e conviver sem medo. Para Santos (2020, p. 10), a pandemia pode ser entendida de diversas formas, uma delas é a alegoria: "A pandemia é uma

alegoria. O sentido literal da pandemia do coronavírus é o medo caótico generalizado e a morte sem fronteiras causados por um inimigo invisível", assim nossos estudantes perceberam o medo, o medo generalizado, das pessoas, do encontro.

A esperança deste participante é que "estejamos livres disso tudo o mais breve possível" (P1). Observamos ainda nos relatos que essa insegurança e preocupação se estendeu a outros membros da família da professora e ainda a pessoas que com ela conviveu. Provocaram-se a pensar sobre a vacina e quando esta viria e quais consequências disso. Observamos ainda que mesmo sem a professora, os estudantes têm autonomia, pois realizaram o encontro. "Repassamos nossas sequências coreográficas" (P5), trazendo outras reflexões sobre o campo da relação com a educação, autonomia, compromisso vividos nesse coletivo.

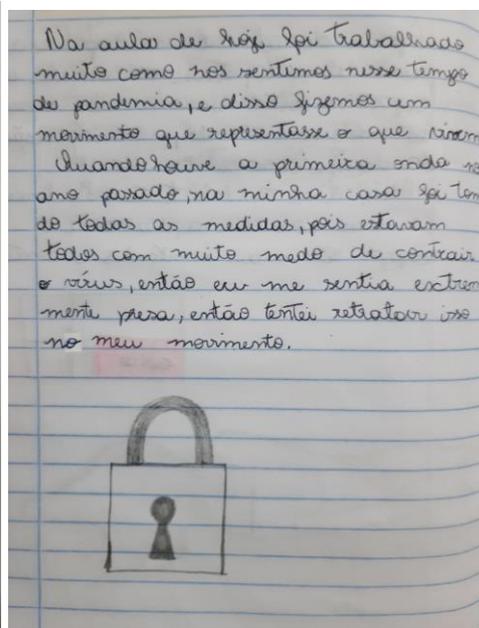
Como analisamos um processo de criação, vimos nele a relação com o tema vivido na pele de cada integrante: "demonstrando em movimentos os sentimentos e emoções que vieram à tona com a quarentena e o isolamento social" (P3). A movimentação aqui foi referida como gesto na "tentativa de reerguer", então, um gesto foi buscado para explicitar a situação pensada para a cena dançada. Houve uma relação física, sensível e mental!

Figura 7 - Escrita do participante 2



Fonte: Diário Participante 2

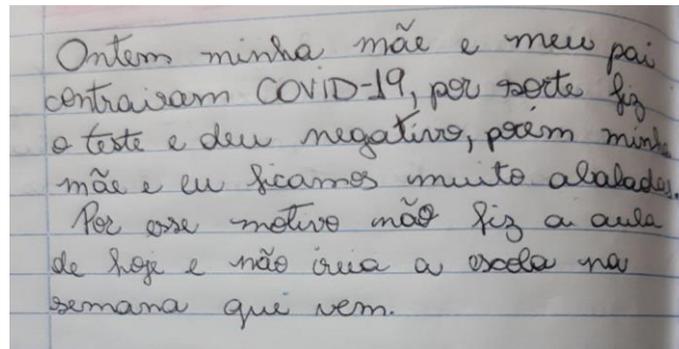
Figura 8 - Escrita do participante 8



Fonte: Diário Participante 8

Nestes relatos foram retratadas as emoções sentidas nesse tempo pandêmico como gatilho para criar a movimentação dançada.

Figuras 9 e 10 - Escrita do participante 8



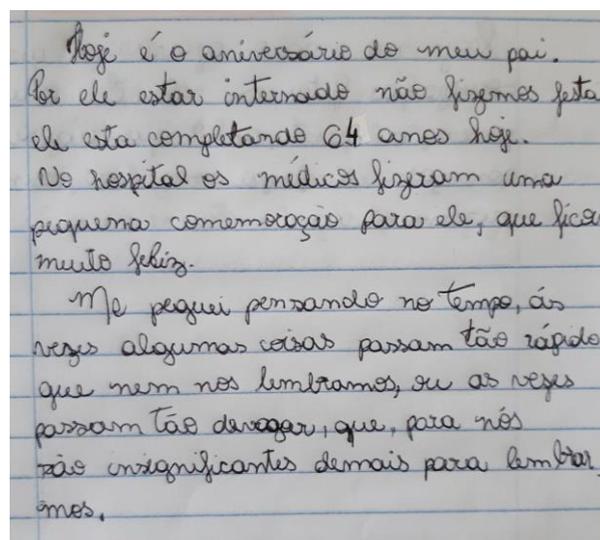
Ontem minha mãe e meu pai
contraíram COVID-19, por sorte fiz
o teste e deu negativo, porém minha
mãe e eu ficamos muito abaladas.
Por esse motivo não fiz a aula
de hoje e não irei a escola na
semana que vem.



Fonte: Diário Participante 8

Sempre presentes a tensão, o medo, as fragilidades de se estar preso a essa doença chega até nós, como se vê no relato: por conta de os pais terem contraído COVID-19, esta participante esteve afastada de nós naquele momento e nos dias que se seguiram. Foi registrado o sentimento comum ao coletivo de “evoluir e retroceder” (P5). No encontro 19, P6, que estava afastado das aulas presenciais, voltou. Ele relatou a dificuldade e o desânimo em estar de forma remota nas últimas aulas e a vontade que tinha de estar ali e não pela tela.

Figura 11 - Escrita do participante 8

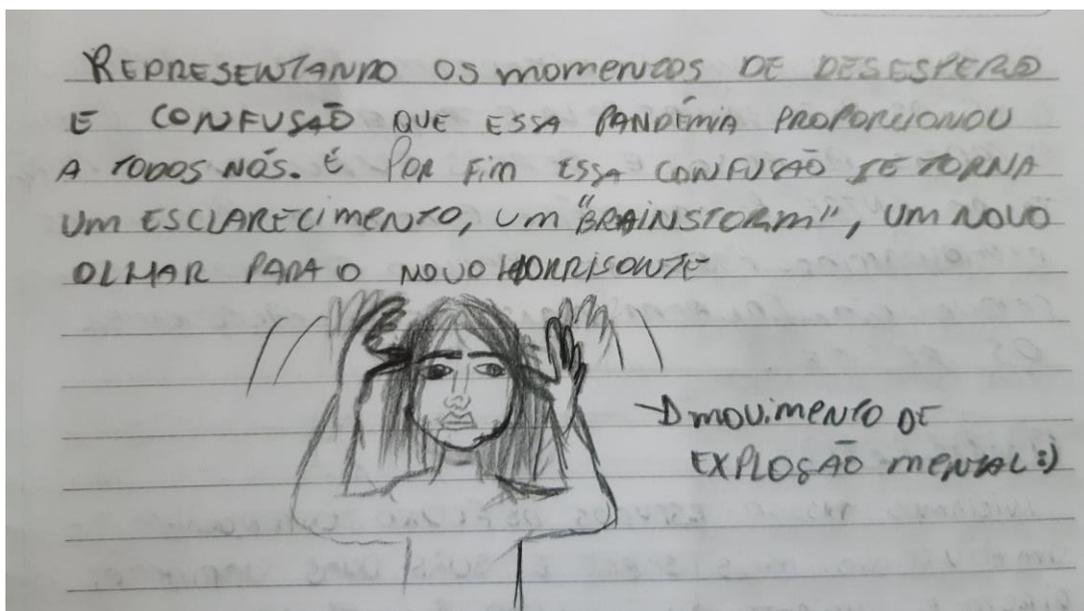


Hoje é o aniversário do meu pai.
Por ele estar internado não fizemos festa
ele está completando 64 anos hoje.
No hospital os médicos fizeram uma
pequena comemoração para ele, que ficou
muito feliz.
Me peguei pensando no tempo, às
vezes algumas coisas passam tão rápido
que nem nos lembramos, ou às vezes
passam tão devagar, que, para nós
são insignificantes demais para lembrar
mes.

Fonte: Diário Participante 8

Esta reflexão está no diário em um dia em que não nos encontramos, mas que foi significativo para esse participante, pela situação que estava passando, estando o pai naquele momento do relato, com uma doença grave. Fomos atravessados por diversas situações neste processo, assim como acontece na vida. O fato de esse participante não se afastar pela dificuldade passada e se fortalecer com este coletivo denota a potência deste nesse momento de fragilidade. Interessou-nos aqui o que Larrosa Bondía (2002) indica como os sentidos que damos e o que acontece com o os sentidos das palavras. Correlacionamos palavras e coisas e as nomeamos, as vemos e as sentimos, por referido motivo isso nos interessa para compreender como esses estudantes percebem esse tempo.

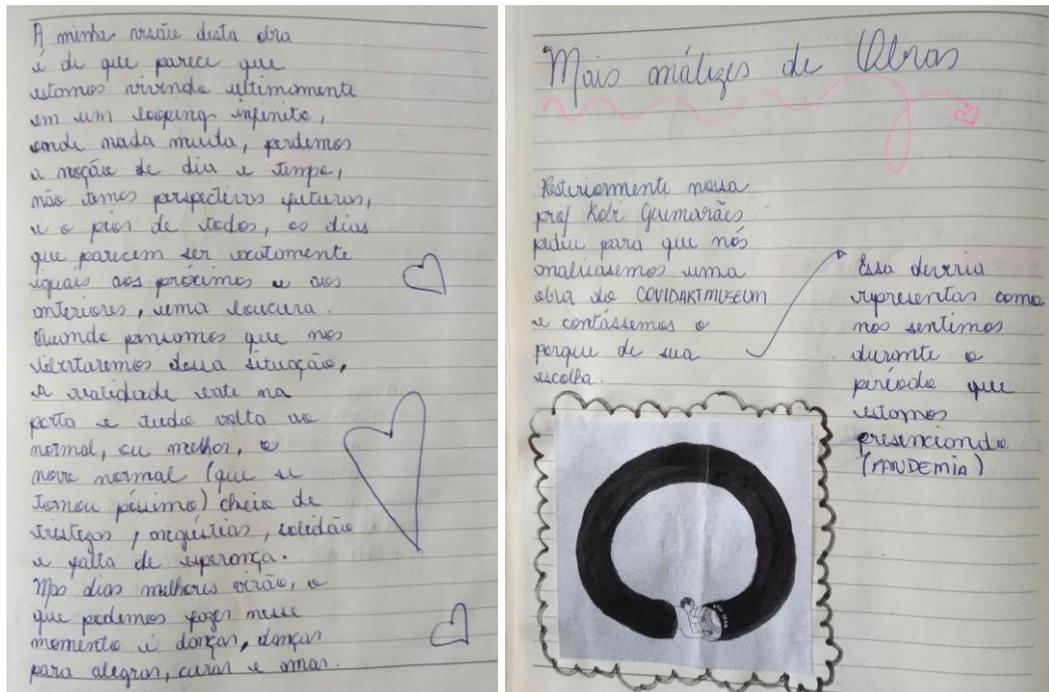
Figura 12 - Escrita do participante 7



Fonte: Diário Participante 7

Movimento pensado a partir de emoções causadas pela pandemia e toda a situação vivida nos últimos tempos. A análise das obras do Museu foi um momento relevante. Trouxemos aqui para finalizar uma reflexão de uma participante, pois sintetiza parte desse processo.

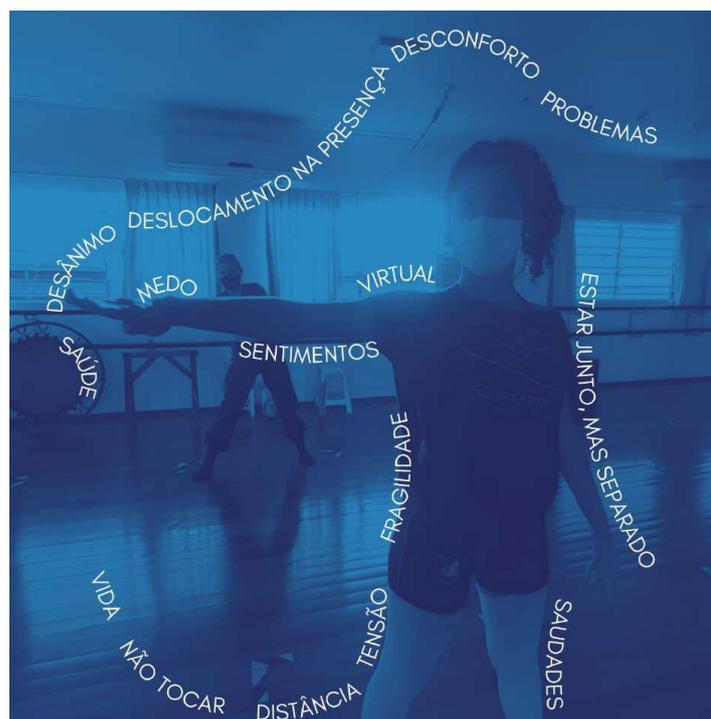
Figuras 13 e 14 - Escrita do participante 2



Fonte: Diário Participante 2

Corpos que vivem a pandemia e tentam resistir e viver, resistir e criar. Nesse sentido, outras relações aparecem aqui em processo de criar junto, mas fisicamente separados:

Figura 15 – Corpos[Pandêmicos]



Fonte: Síntese com os dados da pesquisa – Imagem elaborada por José Inácio Sperber

Desse processo criativo gerou-se um produto, com recortes, fragmentos, aos moldes pandêmicos. As sensações e sentimentos do processo estão aqui, nesse registro em dança em forma de código QR.



CONSIDERAÇÕES DESTE PROCESSO PANDÊMICO

Este tempo pandêmico fez esta pesquisa ser feita de uma maneira única. A necessidade de distanciamento social desestruturou todo o "natural" das aulas de dança que, em outros tempos, seria de corpos se relacionando e explorando o espaço livremente.

Percebemos neste percurso a necessidade de relacionar o contexto em que estamos inseridos nas práticas e nas coreografias, trazendo para o corpo as discussões e conversas, os assuntos que permeiam nossos cotidianos. Aos poucos foi se constituindo a ênfase no processo de criação e suas etapas, buscando torná-lo mais significativo para os estudantes. Algumas vezes o produto não precisa ser consolidado, ou seja, o processo não precisa necessariamente gerar uma coreografia, o próprio desenvolvimento dele propicia aprendizado em dança.

Nessa pesquisa, podemos perceber que além do habitual do processo criativo em dança, precisamos superar as dificuldades do nosso tempo e as consequências da pandemia que estamos vivendo, a cada dia. A pesquisa foi completamente atravessada por essas consequências, desde os primeiros momentos até o final. Vivemos a situação em que estamos inseridos no corpo por meio da pesquisa e exploração de movimentos. Restrições, medo, instabilidade, insegurança e muitos outros sentimentos permearam nossos momentos. Observamos que este é um tempo de superar desafios e seguir em frente, construindo, refletindo e transformando sempre!

REFERÊNCIAS

CARVALHO, Carla; GOTTARDI, Pedro; SOUZA, Helen R. L. R. Corpos[pandêmicos]: ação e subjetividade na arte educação. **Práxis Educativa**, Ponta Grossa, v. 15, e2015527, p. 1-15, 2020 Disponível em: <https://www.revistas2.uepg.br/index.php/praxiseducativa>. Acesso em 10 de novembro de 2020.

CARVALHO, Carla; IMMIAOVSKY, Charles. PEBA: A ARTE E A PESQUISA EM EDUCAÇÃO. **Revista Reflexão e Ação**, Santa Cruz do Sul, v. 25, n. 3, p. 221-236, Set./Dez. 2017. Disponível em: <http://online.unisc.br/seer/index.php/reflex/index>. Acesso em 19 de novembro de 2020.

DIAS, Belidson. *A/r/tografia como metodologia e pedagogia em artes: uma introdução*. In: DIAS, Belidson; IRWIN, Rita L. (Org.). **Pesquisa educacional baseada em arte: A/r/tografia**. Santa Maria: UFSM, 2013. Cap. 1. p. 21-26.

LARROSSA BONDIA, J. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**. 2002. 19. p. 20-28.

MARQUES, Isabel. **Ensino de dança hoje: textos e contextos**. São Paulo: Cortez, 1999.

MARQUES, I. A. O artista/docente: ou o que a arte pode aprender com a educação. **Ouvirouver**. Uberlândia v. 10, n. 2. p. 230-239 jul./dez. 2014. Disponível em: file:///C:/Users/User/Downloads/O_artistadocente_ou_o_que_a_arte_pode_aprender_com.pdf. Acesso em: 10 de novembro de 2020.

_____. Corpo, dança e educação contemporânea. **Pro-Posições**. v. 9, n. 2 (26) Junho de 1998. Disponível em: <https://www.fe.unicamp.br/pf-fe/publicacao/1974/26-artigos-marquesia.pdf>. Acesso em 17 de novembro de 2020.

_____. **Entre um café e uma prosa**. Entrevista concedida a Cora Macedo. Petrolina/PE. 16 de setembro de 2019. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=tT9oQP0WTZU&feature=emb_logo. Acesso em: 29 de novembro de 2020.

SANTOS, S. B. **A cruel pedagogia do Vírus**. Edições Almedina: Portugal, 2020.

STAZZACAPPA, Marcia. Entrevista com Marcia Strazzacappa. Entrevista concedida a Silvia Kiefer. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=bi5S-GiiSjI>, acesso em: 29 de novembro de 2020.